

Ano 12, Vol XXV, Núm 2, jul-dez, 2020, pág. 31-46.

LINHO BRANCO: ANDANÇAS NAS RUAS, O ANTROPÓLOGO ENQUANTO FLÂNEUR

Geander Barbosa das Mercês
Tainá Veloso Justo

RESUMO

Apresentamos neste breve ensaio sobre a potência inventiva da rua, uma provocação ao pensar o espaço urbano embebido pela magia e arte que se manifesta nas categorias trazidas pela religião afro-brasileira, Umbanda, em que a “alma encantadora” é o *axé* (força vital) visto pelo olhar atento do antropólogo-*flâneur* que se apresenta na figura de Seu Zé Pelintra.

Palavras-Chave: Etnografia urbana, encantamento, *flanerie*, observação-participante.

ABSTRACT

We present in this brief essay on the inventive power of the street a provocation when thinking about the urban space soaked by magic and art that manifests itself in the categories brought by the Afro-Brazilian religion, Umbanda, in which the “enchanted soul” is the *axé* seen by the attentive look of the anthropologist-*flâneur* who presents himself in the figure of Seu Zé Pelintra.

Keywords: Urban ethnography, enchantment, *flanerie*, participant-observation.

I. Introdução.

Discorreremos neste breve ensaio sobre a potência inventiva que a rua, essa entidade urbana, carrega e espalha por aqueles que ousam atravessá-las, os que vivem nelas, os visitam e os que vão ao encontro de seus semelhantes seja na boemia, seja na revolta, seja no comércio de ideias e mercadorias. Para as religiões brasileiras de matriz africana, sobretudo para a Umbanda, a rua representa uma fonte de *axé* e dela emana a figura do negro “Zé Pelintra”, uma expressão da filosofia boêmia. E evocamos sua imagem como provocação para o pensamento, para a abordagem da rua e sua existência e os seres que a habitam e lá se criam. Porque quem está na chuva é para se molhar, diz o ditado, e quem anda na rua, não passa incólume, é, também, afetado.

Desta feita, nossa metodologia será uma encruzilhada onde os saberes, mesmo paralelos, não se anulam, mas, sim convergem para um interesse e ponto comum, ou seja, adotaremos um estudo multidisciplinar com objetivo de ampliar os estudos sobre a rua e sua categorização. Partimos do ensaio escrito e publicado por João do Rio, em 1905, intitulado “A Rua” e que, mais tarde, passou a compor a coletânea sob o nome de “A Alma Encantadora das Ruas”, para pensar o fato que nos traz o próprio do Rio, a rua como criadora dos homens. Mobilizamos, para tanto, o conceito de “invenção da cultura” cunhado por Roy Wagner (2014) a fim de tentar pensar o movimento dialético em que rua cria homens, mas os homens constroem as ruas. Nesse sentido, o antropólogo surge como observador-participante cruzando avenidas, travessas, becos e anotando o comportamento dos seres que povoam estes rios de brita, concreto e areia, algumas vezes, pedras.

Fundem-se na elegante figura de terno de linho branco e sapatos de duas cores o dândi, saído da alta-classe educada fluminense, com o malandro ladino das docas e pagodes, e, assim unidos sob um mesmo *sombrero*, estes dois vagabundos – dos que vagam, erram, passeiam, cruzam a cidade e se permitem ser guiados por suas ruas para novidades curiosas, para locais em que costumam socializar, para o centro nevrálgico do sistema político-econômico onde muitos se preocupam com o aumento de suas fortunas, enquanto o *flâneur* estuda e aprende o comportamento de seus concidadãos, suas baixezas e mesquinhas, seus atos de coragem, sua persistência e seu viver.

Ainda, perpassamos pelo caráter de quem é “o dono da rua”. O contraste e o contraditório de quem está autorizado a passar pelas calçadas e quem deve se sujeitar às regras até a inversão dos valores e códigos que a noite subverte e a rua transforma-se no palco de protagonismo deste sábio das artes da conversa, da resistência, da luta e das ruas, seu Zé Pelintra. E pretendemos mostra-lo como um *flâneur* que contém sua etnografia distinta da urbe.

II. O axé da rua.

Alguns conceitos precisam ser apresentados para melhor proveito e entendimento desse encontro entre magia e concreto. A seguir, uma rápida apresentação sobre a religião e seus termos ritualísticos. A Umbanda é uma religião brasileira que mescla o kardecismo, o catolicismo e o candomblé, há um intercâmbio dos saberes dessas religiões e a Umbanda em sua prática litúrgica e ritual abarca uma síntese desse

saber. Em linhas gerais, é uma expressão da fé popular e dos saberes vinculados aos grupos étnicos que forjaram a brasilidade.

É desse conjunto heterogêneo- ao mesmo tempo sinal e uma das respostas às dificuldades dos negros, mulatos, imigrantes e brancos pobres em seu processo de construção de novas redes sociais numa sociedade em rápida transformação- que surgirá a umbanda, na década de 1920, no Rio de Janeiro (MAGNANI, 1986, p.22)

Rapidamente esse culto heterogêneo espalhou-se por todo o Brasil agregando cultos regionais populares, atribuindo a Umbanda uma característica genuinamente nacional. Nas Ciências Sociais há uma vasta contribuição de textos e pesquisas que estudam a Umbanda (BIRMAN, 1985; MEYER, 1983, PRANDI, 2001).Enquanto elemento ritual a Umbanda mobiliza o “axé”, ou seja, a força vital, o principio dinâmico da fé. É o que torna possível o processo vital no terreiro(espaço onde ocorre o culto da umbanda, também pode ser chamado de tenda, roça, barracão) , “como toda força, o àse é transmissível; é conduzido por meios materiais e simbólicos e acumulável” (SANTOS, 2008, p. 39).

Em outras palavras, todos os seres vivos ou não devem receber o axé para que o terreiro exerça plenamente suas funções. O axé é acumulado, desenvolvido e transmitido para as novas gerações. O axé é representado e alimentado por uma variedade de elementos do reino animal e mineral. Segundo Santos, os elementos portadores de axé podem ser agrupados em três categorias de sangue “vermelho, branco e preto” (SANTOS, 2008, p. 41). Todos eles estão atrelados ao reino animal, vegetal e mineral. O sangue vermelho pode ser compreendido como “sangue menstrual, animal, ou humano, azeite de dendê, mel e sangue das flores” (ibdem). O branco faz menção à “saliva, sêmen, hálito, secreções, o plasma, a seiva, o sumo, o álcool, giz, sais, prata, chumbo” (ibdem). Por sua vez, o sangue preto pode ser “cinzas de animais, o sumo escuro de certos vegetais, o carvão” (SANTOS, 2008, p. 41-42).

Nota-se que o axé é o elemento chave para o entendimento do culto, afinal, sem ele nada pode ser feito. O axé “assegura a existência dinâmica, que permite acontecer o devir. Sem àse, a existência estaria paralisada, desprovida de toda possibilidade de realização é o principio que torna possível o processo vital” (SANTOS, 2008, p. 39). Nesse sentido, temos várias entidades que operacionam e mobilizam o axé, dentre elas, destacamos a figura de do malandro.

Os malandros são entidades que mobilizam o axé das ruas, seu palco por excelência, ou seja, são entidades que estão muito próximas dos nossos símbolos e costumes tais como: beber, fumar, rir, ludibriar, zombar e tudo que está no universo imaginário da farra, do burlesco e fanfarrão. Assim sendo, a rua carrega uma energia, um “axé” próprio, por isso, iremos tomar esse espaço como categoria analítica via estudos de João do Rio.

III. Zé Pelintra: o antropólogo flâneur.

No imaginário popular, a malandragem está associado a vida boêmia, a música popular, ao humor e, sobretudo, a malícia. Contudo, pode o malandro ser um produtor de conhecimento? Pode ele agir nos meandros das ruas e produzir uma cultura singular? Para tentar dar respostas as indagações anteriores, tomaremos como referência de malandro a entidade religiosa “Zé Pelintra”. Negro, nordestino, traja terno branco, chapéu panamá, gravata vermelha, sapatos bicolor essa é a figura de “Zé Pelintra”¹ ou simplesmente “Seu Zé”, entidade que inicialmente apresentou-se nos catimbós e juremas, mas, popularizou-se Umbanda. Com a difusão da religião em todas as grandes capitais brasileiras “Seu Zé” chega ao Rio de Janeiro e, nos Arcos da Lapa, popularizou-se nas “macumbas”².

É mister salientar que não estamos propondo um estudo sobre o arquétipo desta entidade até mesmo porque essa tarefa seria quase impossível, visto que “Seu Zé” pode apresentar-se em diferentes contextos e formas. Desta feita, estamos usando sua figura como um fator provocativo para pensar a rua, a malandragem, a espiritualidade e porque não um matiz da identidade nacional.

É de conhecimento do “povo de santo”, terminologia de autonominação das comunidades religiosas brasileiras de matrizes africanas que “Seu Zé” é um malandro que produz e emana uma filosofia da rua, ou seja, todo conhecimento que emana deste espaço e que contribui para o bem viver na cidade. Zé Pelintra é a própria personificação do estereótipo que já foi pesando como sinônimo de uma identidade nacional via criatividade burlesca maliciosa do “jeitinho brasileiro” (CANDIDO (1970) DAMATTA (1986).

¹ Ao longo deste artigo traremos o nome de “Zé Pelintra” ou “Seu Zé” entre aspas para dar ênfase a sua origem e atuação religiosa.

² Termo estudado por BASTIDE (ANO), CARNEIRO (ANO). Aqui nos referimos a macumba como sinônimo de Umbanda. Cabe mencionar que macumba é um instrumento musical.

Para DaMatta (1986), há uma predisposição malandra do sujeito agir segundo os seus interesses particulares burlando as regras sociais sendo o malandro um *expert*, um profissional na arte de contornar situações difíceis. A malandragem não está situada apenas nas entre linhas da lei e da desordem, mas, é também uma configuração do agir social tipicamente da identidade do povo brasileiro que tem uma predisposição em não cumprir leis absurdas (DAMATTA, 1986, p. 69). Desta feita, a “malandragem” e o “jeitinho” são modos possíveis de sobreviver.

Na guisa da ação do “jeitinho”, a transgressão socialmente aceita, é lida pelo povo brasileiro como esperteza até mesmo em situações desonestas (DAMATTA, 1997). Nesse sentido, DaMatta aponta que o jeitinho também chegou até nosso campo religioso, estruturando a fé, sobretudo nas religiões brasileira de matriz africana. “A malandragem”, “o jeitinho” e a pré-disposição em estar pelas ruas são características que facilmente são percebidas na figura de “Zé Pelintra”, afinal, é íntima e pessoal a relação do fiel com os deuses (DAMATTA, 1986).

Entre becos, vielas, e nas ruas o jeitinho malandro apresenta-se não apenas como uma possibilidade de vida, mas, também como uma ciência do sobreviver. Desta feita, forçamos aqui um diálogo entre a figura do antropólogo que pensa as ruas e sua cultura e de “Zé Pelintra”, a entidade própria da malandragem que engendra em si os arquétipos do “jeitinho” brasileiro. Para pensarmos sobre as ruas retomamos os estudos de João do Rio que escreveu e apresentou a conferência A Rua no ano de 1905 e sua versão textual consta na coletânea de crônicas *A alma encantadora das ruas* (1904-1907), esse primeiro texto apresenta a rua como um sujeito atuante e criador que molda a cidade e estabelece espaços e contextos de sociabilidade diversa. Neste contexto, o antropólogo surge como o flâneur que observa, nota e anota, conversa, anda, sente os humores das ruas, os tipos que as povoam. Ao antropólogo, nesses termos, é quase uma personificação da figura de “Zé Pelintra”. João do Rio é esse dândi ambulante, de espírito vagabundo, que estando à toa sente a necessidade de ir a algum lugar para mudar de ideia, vai “levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um par jovem cujo riso de amor causa inveja...” (RIO, 2008, p. 31-32). Tal etnografia “flanante” é feita sem um propósito a priori, afinal, a observação se desvenda ao se caminhar, como o dito latino, solvitur ambulando. *O flâneur*

É o bonhomme possuidor de uma alma igualitária e risonha, falando aos notáveis e aos humildes com doçura, porque de ambos conhece a face misteriosa e cada vez mais se convence da inutilidade da cólera e da necessidade do perdão. [...] E de tanto ver o que os outros quase não podem entrever, o flâneur reflete. As observações foram guardadas na placa sensível do cérebro; as frases, os ditos, as cenas vibram-lhe no cortical. Quando o flâneur deduz, ei-lo a concluir uma lei magnífica por ser para seu uso exclusivo, ei-lo a psicologar, ei-lo a pintar os pensamentos, a fisionomia, a alma das ruas. E é então que haveis de pasmar da futilidade do mundo e da inconcebível futilidade dos pedestres da poesia de observação... Eu fui um pouco esse tipo complexo, e, talvez por isso, cada rua é para mim um ser vivo e imóvel.” (RIO, 2008, pp. 32-33).

Nesse sentido, tomamos a figura de Zé Pelintra como próprio antropólogo *flâneur*, atuando entre e nas ruas ele entende sua filosofia, seus problemas e dilemas, seus fluxos e refluxos, ele observa os campos dos afetos e não afetados, ele propõe via macumba soluções e atua resolvendo problema. Ao analisar a figura emblemática dessa entidade não podemos entender seu terno de linho branco de outra forma que não seja a de um especialista das ruas, um douto do conhecimento, assim como os antropólogos.

Entendemos esse antropólogo *flâneur* no sentido em que a Antropologia reversa permite aquele que observa ser igualmente observado. Essa etnografia é feita num meio multivocal e por indivíduos que no geral compartilham dos mesmos códigos, uma vez que se está descrevendo tipos sociais urbanos, observando o comportamento e os modos de pessoas em ruas da cidade. Esses observados partilham com o observador a cultura que os circunda, o que nos remete à abordagem utilizada por Vincent Capranzano no estudo publicado em “Waiting: the Whites of South Africa” (1985), ao estudar os efeitos da dominação da vida cotidiana sobre aqueles que exerciam dominação no regime do “Apartheid”, ao se valer da plurivocalidade. Contudo, há também o método utilizado por Jean Favret-Saada (2005) ao estudar a feitiçaria do povo do Bocage, na França, em que os segredos só seriam revelados uma vez que ela estivesse “pegado” o feitiço e imergido como parte do grupo, ou seja, só dá para ter esse “feitiço” vivendo os mesmos sortilégios de “Seu Zé”. Esta segunda abordagem está mais próxima ao observador-flâneur porque ele é um sujeito que experiência a rua como um semelhante dos “nativos” das ruas e, muitas das vezes, precisa imiscuir no seio do grupo que

encontra para que seus segredos sejam revelados a ele. E, então há a rua, como criadora de todas as blagues e de todos os lugares-comum, a que transforma as línguas (RIO, 2008, pp. 29-30), que surpreende os intelectuais com sua potência e vida, atração e repelentes avisos, mas que é sugestiva e seduz os indivíduos a partilharem de suas doçuras, amarguras e travessuras. Ela também aparece como um nativo que olha quem passa por si como elemento disruptivo de sua existência.

Neste elogio, talvez fútil, considere a rua um ser vivo, tão poderoso que consegue modificar o homem insensivelmente e fazê-lo o seu perpétuo escravo delirante, e mostrei mesmo que a rua é o motivo emocional da arte urbana mais forte e mais intenso, (RIO, 2008, p. 51).

IV. A rua por João do Rio

A rua é a mediadora das coisas, das criações urbanas, dos devaneios, dos delírios, se reinventa a cada Carnaval e sequer espera tanto para sua invenção, ao despontar do dia mostra elementos diversos daqueles que da noite apenas observadores atentos notam os resquícios. “A rua criou todas as blagues e todos os lugares-comum,” escreveu João do Rio em sua conferência intitulada *A Rua*, publicado na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, em 29 de outubro de 1905 e que compõe o conjunto de crônicas publicadas entre 1904 e 1907 sob o nome de *A alma encantadora das ruas*, que em outros textos discorrem sobre as personagens povoadoras das ruas cariocas no início do século XX.

“A rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma!”, é ela que reúne, agremia e iguala os homens. Propicia a aglutinação de seres que fora de seus contornos carregam seus sonhos e anseios, suas insígnias e patentes, mas que ao participarem nela estão entre iguais -- condição essencial para a sociabilidade em grupos. Elas surgem de um traçado que corta uma chácara e podem durar anos ou morrerem jovens. As construções humanas lhes fornecem insumos para seu crescimento, começam com uma casa e essa lembrança é guardada por aqueles que ali habitam por bastante tempo que veem sua evolução. As ruas se transfiguram com o passar do tempo, com as novas tecnologias arquitetônicas e de engenharia. As outrora calçadas com pedras são revestidas por um nigérrimo asfalto. Testemunhas dos meios de transporte e da velocidade que estes comboios atrelam a si, são pisoteadas por carroças puxadas por animais e deslizadas pelas rodas dos automóveis. As primeiras mercearias se instalam em suas calçadas, os mercados de secos e molhados se põem nos centros dos quarteirões, há sempre um bar

nas esquinas - local da convivialidade, principalmente, masculina onde se informam pela fofoca, este dínamo das relações sociais, das atualidades políticas, literárias, científicas.

As ruas são os rios urbanos navegadas pelos transeuntes. João Paulo Alberto Coelho Barreto era o nome registrado do homem que empunhava a pena como João do Rio. Foi um jornalista, cronista, escritor, tradutor e teatrólogo nascido no Rio de Janeiro. E o João do Rio debruçou-se sobre a janela, cuja “tradução simbólica é a crônica”, como escreve Raúl Antelo na introdução à Alma encantadora das ruas, para observar a vida pujante e pulsante da capital federal da nova República. “A janela define a rua que, por sua vez, define o Rio como pequena Paris, mas, em compensação, é o estilo do boulevard o que torna Cosmópolis uma autêntica cidade, conferindo-lhe, em suma, identidade local inconfundível,” (ANTELO, 2008, p. 7).

Além da janela, João do Rio flanava pelas ruas, observava in loco a diversidade da capital e comentava com quem estivesse o acompanhando nesses passeios, como se pode ler nas demais crônicas do mesmo livro. Era um filho de Oscar Wilde, um dândi dos trópicos (ANTELO, 2008, p. 9). As impressões, os cheiros, as imagens e as trocas saíam publicadas em artigos para a Gazeta de Notícias, por exemplo. Podemos dizer que ele realizou narrativas de sua etnografia urbana por meio da crônica, que junto ao romance policial “são alegorias da modernidade,” (ANTELO, 2008, p. 13). A rua como local da invenção da cultura. João do Rio escreve que a rua possui sua independência ante os dicionários, a lei, as definições, porque ela

é a transformadora das línguas. [...] continua, matando substantivos, transformando a significação dos termos, impondo aos dicionários as palavras que inventa, criando o calão que é o patrimônio clássico dos léxicos futuros (RIO, 2008, p. 29).

A rua inventa seus próprios códigos e termos. Cria, também, o seu sujeito por excelência, aquele que aprecia e sorve de suas delícias e mazelas, de “espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível” (RIO, 2008, p. 31), o flâneur. E este sujeito constitui-se em “ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem” (RIO, 2008, p. 31). Caminhante atento e solo pelas ruas da cidade que se debanda de um lado a outro sem um propósito traçado, mas que se embala pelos humores das calles, que se permite à atração de qualquer

atividade que lhe aguça os sentidos e a curiosidade, é o perambular com inteligência, como escreve João do Rio. O flâneur não somente anda por aí, mas também observa de um ponto, de uma janela. O poeta observa de sua janela a tabacaria da calçada defronte ao seu prédio, a mesma janela que dá “para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,” (PESSOA, 2009, p. 160).

João do Rio descreve as identidades que se criam em cada rua, as características marcantes que as definem por muito tempo. Há as ruas “nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história” (RIO, 2008, p. 34). Ao mencionar o livro de Edmond Demolins, *La route crée le type social*, o autor argumenta que a “a rua é a civilização da estrada” (RIO, 2008, p. 40) e que nas grandes cidades é a própria que fará seus tipos, vai “plasmar o moral dos seus habitantes, a inocular-lhes misteriosamente gostos, costumes, hábitos, modos, opiniões políticas” (RIO, 2008, p. 41) e, a partir disso, os indivíduos reconhecem seus semelhantes nas ruas que frequentam, uns mais refinados, outro mais boêmios, conseguem identificar quais são os frequentadores contumazes de certa avenida ou beco.

Cada rua cria o ambiente próprio para os mais variados tipos que se identificam com aquele ambiente. Há independência em se ganhar a rua, em participar na rua e os perigos oferecidos pelo ambiente externo. João do Rio lista frases que expressam os sentimentos para com esse ente urbano. A expulsão do lar, saída do círculo íntimo e das decisões da casa que se entende ao dizer de alguém que mandará outro para o olho da rua. A incitação e desafio a quem se esconde atrás do muro caseiro quando convocado ao embate por meio do “venha para a rua se é gente”.

A conquista da maioria daqueles que podem sair às ruas desacompanhados dos tutores, dos responsáveis. A rua também seduz e atrai. Espaço público e de manifestação aberta onde as ideias se diluem e se condensam nas cabeças dos transeuntes, as ações sociais ganham corpo, as atitudes se divulgam e popularizam, João do Rio afirma ser a rua “a obsessão em que se condensam todas as nossas ambições. O homem, no desejo de ganhar a vida com mais abundância ou maior celebridade, precisava interessar à rua,” (RIO, 2008, p. 45). Desde a ágora grega aos políticos modernos, a rua se faz palanque para a palavra e a sedução que ela exerce toca fundo à vaidade humana. O prêmio é ter relevância pública.

V. A rua como inventora de cultura

A rua cria os tipos sociais e os acolhe em sua extensão. E cada rua pode ter características únicas e marcantes que se equivalem a outras diversas ruas desenhadas nas cidades de um país. João do Rio lista algumas particularidades das ruas que podem ser nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, etc. Contudo, não é algo endógeno, a rua se cria de um jeito em contrapartida daqueles que a habitam e a cruzam. Ou seja, as pessoas e seus comércios dão caráter distintivo às ruas, ao passo que a rua, como espaço de sociabilidade congrega, tipos semelhantes que se encontram e se reconhecem.

David Hume, escritor e filósofo escocês, ao escrever sobre a convivialidade da “parcela elegante do gênero humano” (2008, p. 221) discorria sobre o elo que o convívio social cria àqueles que se dedicam aos exercícios do pensamento e da mente com a realidade da vida em espaços que as gentes de letras possam se encontrar e partilhar de seus conhecimentos e leituras por meio da conversa. Referia-se aos intelectuais e aos movimentos de passagem de um ceticismo real para outro mais bem-humorado. O pesquisador enfurnado em seu gabinete encontra-se, muitas vezes, estante diante de uma questão que se sente incapaz de resolver, ele deve deixar seus livros e sua escrivaninha e sair à rua, frequentar uma taverna, jogar gamão (SUZUKI, 2011, p. 310).

Ele se distrai, conversa com as pessoas, ouve as novidades, descobre coisas novas. Alimentado pelo convívio e a riqueza de experiências que seus sentidos provaram pode, então, retornar ao escritório e, com a mente reciclada, prosseguir suas elucubrações, estudos, investigações. Isto é o que Hume chama de *ceticismo moderado*.

O antropólogo é um tipo de intelectual que congrega a atividade do pensamento solitário e do empirismo na coletividade, que atravessa a instável ponte que leva da etnografia ao relato, à narrativa da experiência. Ele ou ela deve encontrar-se simbolicamente num dos variados contextos que se apresentam diante de seus olhos e a partir daí identificar os símbolos relevantes, proceder à descrição densa, e munido desse material realizar sua travessia metodológica da etnografia à narrativa. A próxima pergunta que se impõe é do que se trata a escrita, de interpretação, transcrição

tradução, criação. O antropólogo vê-se como o mediador entre os contextos e desenvolvedor de uma ficção controlada, onde o objeto se torna personagem e para isso se aprofunda em assuntos extremamente pequenos, situa-se no meio em que ao mesmo tempo participa e analisa. Outro movimento se dá em meio a tudo isso, o antropólogo é visto como objeto disruptivo por aqueles que são estudados por ele. Ambos, antropólogo e nativo, se compreendem ao enveloparem, cada um de sua perspectiva, o outro em seus respectivos contextos.

No contexto apresentado por João do Rio, o flâneur estaria nessa posição de observador-participante ao caminhar pelas ruas e identificá-las por certas características advindas não somente dos que a povoam, mas, como descreve o autor, inerente à própria rua. “Se as ruas são entes vivos, as ruas pensam, têm ideias, filosofia e religião,” (RIO, 2008, p. 38). A rua enquanto transformadora de línguas (RIO, 2008, p. 29) estabelece novas convenções aos que convivem em seus domínios, pois fogem às definições o que se dá no olho da rua. Ela continua “criando o calão que é o patrimônio clássico dos léxicos futuros,” (RIO, 2008, p. 29).

A rua inventa seus próprios códigos e normas. “Nas grandes cidades a rua passa a criar o seu tipo, a plasmar o moral de seus habitantes, a inocular-lhes misteriosamente gostos, costumes, hábitos, modos, opiniões políticas,” (RIO, 2008, p. 41). A rua que surpreende os intelectuais com sua potência e vida, atração e repelentes avisos, mas que é sugestiva e seduz os indivíduos a partilharem de suas doçuras, amarguras e travessuras. Ela também aparece como um nativo que olha quem passa por si como elemento disruptivo de sua existência.

Ela que só permite que sintam a alma às horas tardias (RIO, 2008, p. 37), porque possui uma alma e anima a vida das cidades. Bem no início de sua conferência João do Rio afirma ser a rua um fator de vida das cidades (2008, p. 29). E o autor prossegue com essa afirmações da vida da rua, a humanização de algo, a princípio, inerte, mas que possuem seus pecados, como se lê na seguinte parte:

Ruas assim ainda mostram o que pensam. Talvez as outras tenham maiores delírios, mas são como os homens normais -- guardam dentro do cérebro todos os pensamentos extravagantes. Quem se atreveria resumir o que num minuto pensa de mal, de inconfessável, o mais honesto cidadão? Entre as ruas existem também as falsas, as hipócritas, (RIO, 2008, p. 39).

A ruas possam, assim, como entidades vivíssimas atrativas e seduzentes que abrem aos homens possibilidades infindas de sociabilidade, onde o mistério ronda à luz do dia e convida o transeunte a uma jornada de descoberta que o transforma ao fim da noite, uma vez que sair da rua é perder a magia. A rua oferece ainda a evidência pública, o palanque e o reconhecimento, “chega a ser a obsessão em que se condensam todas as nossas ambições. O homem, no desejo de ganhar a vida com mais abundância ou maior celebridade, precisa interessar à rua,” (RIO, 2008, p. 45). E a partir disso, continua João do Rio, os homens criaram uma forma de contar a história da rua, por meio dos jornais, folhetins, do romance policial mencionado mais cedo, escritos imbuídos pelas fantasias dos homens. “A estética, a ornamentação das ruas, é o resultado do respeito e do medo que lhe temos...”, (RIO, 2008, p. 46).

Às ruas são despejados todos os sentimentos dos homens, seja em canções, versos e quadras, ou nos apodos que lhes marcam não os muros, mas a passagem. E aos poetas inspira infinitas motivações que escrevem sobre suas características, sobre passagens da vida deles ocorridas numa rua, sobre si e a rua. João do Rio aponta o que chama de mórbida inspiração dos poetas em cantarem pedaços das ruas, como se foram partes do corpo da amada, como o exemplo que o autor nos dá ao reproduzir um poema de certo Mário Pederneiras a escrever sobre as árvores urbanas que posam como “a única ilusão rural de uma cidade [...] conselheiras frias” (RIO, 2008, p. 49). Além da poesia, a rua inspirou os ideais sociais modernos, em imaginá-la igualitária e acolhedora livre da mendicância e da miséria, ou a rua babélica de Rimbaud

Mas, a quem não fará sonhar a rua? A sua influência é fatal na palheta dos pintores, na alma dos poetas, no cérebro das multidões. Quem criou o reclamo? A rua! Quem inventou a caricatura? A rua! Onde a expansão de todos os sentimentos da cidade? Na rua!, (RIO, 2008, p. 50).

VI. Zé Pelintra nessa rua inventada é o mestre sala da madrugada- o bailar conclusivo.

A rua fez o malandro ou o malandro é que tomou conta da rua? Em certo sentido, o malandro em questão, o Seu Zé, faz seu palco na rua, toma e presta conta na rua, vadeia e pensa na rua. Desfila a figura elegante pelos becos e avenidas. É o sujeito de fina-estampa que encanta o interlocutor que procura conversa instigante e sedutora. Engana-se quem pensa que este malandro é um tipo almofadinha acovardado, se anda bem vestido é porque gostar de se apresentar bem, mas está sempre pronto para bater e correr, ficar e lutar.

Pensar a formação da rua no Brasil é retomar as grandes lutas sociais, que escoam sua revolta pelas ruas e chacoalham, de certa forma, as estruturas urbanas para que ouçam o clamor dos descontentes. A rua tem dono e sujeitos que subvertem a ordem imposta são contidos, retirados e até banidos da rua. Contudo, aglomerados na figura do povo, muitos tomam para si o espaço de transição que a rua também carrega e, das mais criativas maneiras, tramam, planejam, se organizam e se mobilizam na rua. Vale lembrar o que faziam os negros escravizados no período colonial do Brasil ao passarem silenciosos pelas ruas e reunirem-se, discretos, na fonte d'água e na fofoca planejavam levantes e fugas (FERREIRA, 2004). Nesse palco notamos a vivência de uma cultura política voltada para anseios por direitos políticos, civis, sociais, econômicos, que dá voz às lutas de reconhecimento das múltiplas subjetividades no mais das vezes silenciadas, subjugadas, vilipendiadas e oprimidas. Nesta busca os grupos étnicos que fundam e forjam a Umbanda trazem a figura de Zé Pelintra como um mestre-sala que rodopia e samba com seu estandarte de liberdade.

Durante o dia a rua é local de encontro políticos, homens distintos, empresários e endinheirados da cidade, dos que estabelecem as regras, as leis, -- muitas das vezes excludentes de boa parcela da sociedade seja pela falta de acesso a direitos universais inalienáveis, tais quais educação, saúde --, que submetidas a elas, subvertem-nas para sobreviverem. A política feita nas brechas, como escreve Luiz Antônio Simas (2019). Ao cair o sol, no entanto, iluminada por lâmpadas fracas, a rua brilha para quem conhece seus caminhos e códigos, pois novas regras se impõem e se realizam. Aí é quando os malandros passeiam com sapatos lustrosos e as mulheres sorriem mostrando os dentes. Os donos da rua são outros. Os que detêm o poder de mando e decisão

política e econômica encastelam-se em suas casas, porque é à noite que a política das brechas se revela e se positiva. A contenda do poder hegemônico que se articula durante o dia e faz e mobiliza a rua como um espaço econômico e do político é, durante a noite, travestida por seu par opositor, contraditório. A malandragem e a inteligência que burla códigos excludentes traz respiro e esperança como sobrevivência e luta.

Ante o exposto, dos ocupantes marginalizados da rua aos poderes estabelecidos, tudo passa pelo olhar atento desse transeunte que permanece. Seu Zé Pelintra penetra o segredo das ruas e também contribui com o que João do Rio chama de “alma encantada das ruas”, essa alma que se pode dizer embebida de axé e que “só é inteiramente sensível a horas tardias” (RIO, 2008, p. 37). E o homem de chapéu nota e anota, toma conta e presta conta de tudo o que encontra e vivencia em suas andanças. No âmbito da fé, os que lhe procuram, apresentam as mais variadas demandas e pedem seu auxílio, proteção e conselho. Seu Zé não só observa como participa e é ator das tramas que se desenvolvem na rua. Carrega o mapa dessas veredas urbanas e indica os caminhos seguros aos que nele confiam.

Este antropólogo peculiar interfere em sua passagem pelo local observado, as ruas, deixa sua marca, mas desaparece discreto ao amanhecer ficando as lembranças e o encanto transformador e que se une ao axé de rua, ao encanto das ruas, que o próprio João do Rio diz se tratar de um ser vivo, “tão poderoso que consegue modificar o homem insensivelmente...” (2008, p. 51), e que exerce poder tão fascinante perante os humanos que estes anseiam estar na rua, participar dela e realizar suas proezas em seu meio. Zé Pelintra faz parte desse aspecto, quem tem olhos enxerga e quem tem disposição, dança.

REFERENCIAS

- ANTELO, Raúl. "Introdução". In: **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BIRMAN, Patrícia. **O que é a umbanda?** São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1985.
- CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP**, n. 8, 1970.
- DA MATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- _____. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FAVRET-SAADA, Jean. **Ser afetado**. Cadernos de Campos, n. 13, 2005.
- FEREIRA, Felipe. **O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- HUME, David. **A arte de escrever ensaios e outros ensaios (morais, políticos e literários)**. Seleção: Pedro Pimenta. Tradução: Márcio Suzuki e Pedro Pimenta. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Umbanda**. São Paulo: Ática, 1986.
- PESSOA, Fernando. **Poemas de Álvaro de Campos: obra poética IV**. Organização, introdução e notas Jane Tutikian. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- PRANDI, Reginaldo (organização). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- RIO, João do. **A alma encantadora das ruas: crônicas**. Organização Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a Morte**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SIMAS, Luiz Antônio. **O Corpo Encantado das Ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- SUZUKI, Márcio. **Aposta na Filosofia**. KRITERION, Belo Horizonte, n. 124, dez./2011, pp. 307-330.
- WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Tradução: Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales, São Paulo, Cosac Naify, 2014.

Recebido: 10/6/2020. Aceito: 30/6/2020.

Sobre autores e contato:

Geander Barbosa das Mercês- Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – FCLAr/UNESP.

E-mail: geanderbarbosa@yahoo.com.br

Tainá Veloso Justo - Mestra em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – FCLAr/UNESP.

E-mail: vtaina@gmail.com